

ESTRANHO, ALIENAÇÃO E INQUIETANTE EM *DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO*: UMA ANTROPOLOGIA ENTRE FREUD E MARX

STRANGE, ALIENATION AND UNCANNY IN *DIALECTIC OF ENLIGHTENMENT*: AN ANTHROPOLOGY BETWEEN FREUD AND MARX

Virginia Helena Ferreira da Costa*

RESUMO

O presente artigo encontra na obra *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer o seu principal objeto de análise, tendo como objetivo específico tratar da relação estabelecida entre Marx e Freud nesta obra, precisamente na delimitação da constelação conceitual dos termos estranho (*Fremd*), alienação (*Entfremdung*, *Entäußerung*) e inquietante ou estranho-familiar (*Unheimliche*). Em nossa investigação – que relaciona filosofia, psicanálise e economia política –, temos como foco uma noção antropológica baseada na teoria freudiana a partir da qual os conceitos cunhados por Marx são utilizados pelos autores do Instituto de Pesquisas Sociais. Tal antropologia trata de um sujeito do conhecimento que encontra os motivos de desenvolvimento de sua racionalidade na fuga de determinados sentimentos cuja constelação conceitual é de frequente utilização em *Dialética do Esclarecimento*, como perigo, medo, angústia, terror, horror, autoconservação. Por isso, será ressaltada a influência de desejos, fantasias e pulsões na formação e atuação racional do sujeito esclarecido. A partir desta noção de sujeito, será delimitada uma teoria do conhecimento baseada na situação de dominação sobre o objeto que culminará em uma teoria propriamente social, vinculada à relação do sujeito preconceituoso e a alteridade. Para tanto, conceitos como os de projeção e narcisismo serão de grande valia na elaboração da relação entre a interioridade e exterioridade subjetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Estranho; Familiar; Alienação; Razão; Pulsão

ABSTRACT

The main object of analysis of this article is the Adorno and Horkheimer's work entitled *Dialectic of Enlightenment* and specifically aims to deal with the relation established between Marx and Freud in this work, precisely in defining the conceptual constellation of strange (*Fremd*), alienation (*Entfremdung*, *Entäußerung*) and uncanny or strange-familiar (*Unheimliche*). In our research –

* Mestre em Filosofia pela USP. Doutoranda em Filosofia na USP, com pesquisa financiada pela Capes. Contato: virginiahelena.costa@gmail.com

which relates philosophy, psychoanalysis and political economy – we focus on an anthropological notion based on Freudian theory from which the concepts produced by Marx are used by the authors of the Institute for Social Research. Such anthropology deals with a subject of knowledge that the motive for development of its rationality is the escape of certain feelings whose conceptual constellation is frequently used in *Dialectic of Enlightenment*, as danger, fear, anxiety, terror, horror, self-preservation. It will be highlighted the influence of desires, fantasies and drives in the rational formation and performance of the subject. From this notion of the subject, a theory of knowledge will be defined based on a situation of domination over the object that will culminate in a social theory, linked to the relation of the subject prejudiced and otherness. Therefore, concepts as projection and the narcissism will be of great value in the development of the relationship between interior and external subjective.

KEYSWORD: Strange; Familiar; Alienation; Reason; Drive

1. INTRODUÇÃO

Certamente, são muitas as influências de diversos autores e teorias em *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer, bem como muitos são os temas a serem debatidos. Dentre as possibilidades de enfoques de leitura desta obra, procuraremos elucidar a relação estabelecida entre Marx e Freud, precisamente na delimitação da constelação conceitual dos termos estranho (*Fremd*), alienação (*Entfremdung*, *Entäußerung*) e inquietante ou estranho-familiar (*Unheimliche*). Trata-se de abordar como a teoria de Marx, com seus conceitos de estranhamento e alienação, é operacionalizada tendo como base uma noção antropológica baseada na teoria freudiana, concepção esta utilizada tanto para delimitar uma teoria do conhecimento na relação sujeito e objeto, quanto uma teoria social na relação sujeito e alteridade.

Trabalhando com uma noção de antropologia da época burguesa delimitada por Horkheimer desde os anos 1930 e concebendo como “Adorno foi tomado [*struck*] pela psicanálise como um modelo cognitivo” (BUCK-MORSS, 1977, p.17, tradução nossa) no qual pulsão e racionalidade aparecem atuando conjuntamente, nesta obra vemos se consolidar a “incorporação da arquitetura pulsional em novos termos. Nesse caso, a própria constelação de elementos fundamentais que compõem essa apropriação é

igualmente freudiana. É dessa constelação que se trata aqui.” (NOBRE; MARIN, 2012, p.110). Transformada em teoria social, a teoria freudiana é relacionada ao sujeito do esclarecimento que atua conforme uma racionalidade defensiva, ligada à movimentação pulsional que evita o desprazer. Tal racionalidade técnica, concebida como uma espécie de irracionalismo, leva à formação de um sujeito preconceituoso ou, no caso, antissemita, para quem “a identidade da inteligência e hostilidade (...) encontraram uma confirmação avassaladora.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.10)

Dados os objetivos descritos, um recorte das obras de Marx, Freud e até da *Dialética do Esclarecimento* foi feito. Para tanto, abordaremos principalmente o primeiro capítulo deste último livro denominado *O conceito do Esclarecimento*, além do capítulo *Elementos de Antissemitismo*. Algumas obras pontuais de Freud se farão presentes, especialmente *O Inquietante*. Já nossa referência a Marx será feita somente para elucidar os conceitos de alienação e estranho que serão relacionados ao *Unheimliche* freudiano, conceitos tais que se encontram em *O trabalho alienado*, capítulo dos *Manuscritos Econômico-filosóficos*.

2. RAZÃO E DOMINAÇÃO DA NATUREZA

Sabe-se que *Dialética do Esclarecimento* aborda a característica dominadora do pensamento não reflexivo e acrítico, de forma que a razão atuaria como dominação técnica da natureza, o que levaria à própria regressão do esclarecimento ao mito. Isso porque a natureza é considerada um perigo (*Gefahr*) para os seres humanos, uma vez que, não compreendida, é sentida como uma ameaça de dissolução e indeterminação:

concretiza-se assim o mais antigo medo (*Angst*), o medo da perda do próprio nome. Para a civilização, a vida em estado natural puro, a vida animal e vegetativa, constituía o perigo absoluto (*absolute Gefahr*). Um após o outro, os comportamentos mimético, mítico e metafísico foram considerados como eras superadas (*überwundene*), de tal sorte que a ideia de recair neles estava associada ao pavor (*Schrecken*) de que o eu (*Selbst*) revertesse à mera natureza, da qual havia se alienado (*entfremdet*) com esforço indizível e que por isso mesmo infundia nele indizível terror (*Grauen*). (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.37)

A constelação conceitual utilizada pelos autores na obra trata dos sentimentos que levam ao processo de racionalidade como dominação: *Furcht* (medo), *Schreck* (terror), *Angst* (angústia), *Grauen* (horror), *Gefahr* (perigo), procura por *Sicherheit* (segurança), dominação do *Unbekanntes* (desconhecido), entre outros. Para evitar estes sentimentos, a razão tende a se defender contra o que ameaça o eu como unidade sintética e como função de autodeterminação e autoidentidade. Neste âmbito, a atividade do conhecimento se torna uma subsunção dos elementos externos à identificação consigo, ou ainda, uma projeção do eu sobre o mundo, como um tipo de funcionamento narcísico atuante no campo cognitivo.

Esta “identidade do eu *que não pode perder-se na identificação com um outro*, mas [que] toma posse de si de uma vez por todas como máscara impenetrável” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.22) dominará todo elemento que se mostre divergente às determinações subjetivas, tal como uma racionalidade autoritária. Segundo este pensamento objetivador, cada exterioridade é concebida de forma equivalente, como uma fonte homogênea de perigo, de forma que as determinações dos objetos já estão decididas de antemão, tornando toda exterioridade uma mera objetividade. Por isso, a facilidade com que Adorno e Horkheimer utilizam a mesma explicação para tratar de todos os elementos da exterioridade de forma similar, seja ela natureza, objetos do conhecimento, outros seres humanos.

De modo correlato, o pensamento se torna autônomo em relação aos objetos, formando a identidade do eu. No entanto, este processo de determinação dos elementos externos é vazio de sentido, uma vez que a racionalidade técnica somente emprega formas de dominação pela organização, classificação e ordenação. Neste âmbito, o sujeito esclarecido

incha e se atrofia ao mesmo tempo. Ele dota ilimitadamente o mundo exterior de tudo aquilo que está nele mesmo; mas aquilo de que o dota é o perfeito nada, a simples proliferação dos meios, relações, manobras, a práxis sinistra sem a perspectiva do pensamento. A própria dominação que, mesmo sendo absoluta, é, em sentido próprio, sempre um mero meio, torna-se nessa projeção irrefreada, ao mesmo tempo, seu próprio fim e o fim de outrem, ou melhor, o fim em geral. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.156)

3. RENÚNCIA E PRAZER NA TEORIA FREUDIANA

Tais considerações da *Dialética do Esclarecimento* podem ser revistas considerando a constituição subjetiva pensada por Freud. Lembremos como a organização do ser humano, tendo o seu núcleo formador concebido pelo isso (*Es*), segue a busca pelo prazer e a fuga do desprazer, ambos promovidos pela interação do sujeito com elementos exteriores. No entanto, este princípio regido pelo prazer encontra empecilhos externos para a sua realização imediata. Assim, para que haja propriamente uma relação do sujeito com a realidade, o eu (*Ich*) precisa ser formado, implementando uma busca pelo prazer que leve em conta os elementos do mundo exterior, adiando a obtenção da satisfação para ocasiões mais seguras.

Na procura pela autoconservação do eu em face das determinações externas, o princípio regido pela realidade ganha um caráter coercitivo em relação às realizações de satisfações, já que a finalidade destas diverge do ditame exterior. Considerando que a formação do eu segue a dois senhores com interesses contraditórios (isso e mundo exterior), esta instância é tomada pelo terror (*Schreck*), medo (*Furcht*) e angústia (*Angst*) diante do perigo de sua dissolução, empenhando-se em sua conservação. Neste ponto, é importante notar que os termos utilizados pelos autores de *Dialética do Esclarecimento* confluem com as definições encontradas, entre outras, em *Para Além do Princípio de Prazer*¹.

A formação pela renúncia (*Opfer*) na substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade é lembrada por Adorno e Horkheimer através da descrição da astúcia (*List*) de Ulisses: o astucioso “jamais pode ter o todo; tem sempre de saber esperar, ter paciência, renunciar (*verzichten*).” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.55). A astúcia descrita “incluía um sacrifício do eu (*Selbst*), porque seu preço era a negação (*Verleugnung*) da natureza no homem, em vista da dominação sobre a natureza extra-humana e sobre os outros homens.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.53). Em defesa

¹ “‘Terror’ (*Schreck*), ‘medo’ (*Furcht*) e ‘angústia’ (*Angst*) são empregados erradamente como sinônimos; mas podem se diferenciar de modo claro na sua relação com o perigo (*Gefahr*). ‘Angústia’ designa um estado como de expectativa do perigo e preparação para ele, ainda que seja desconhecido; ‘medo’ requer um determinado objeto, ante o qual nos amedrontamos; mas ‘terror’ se denomina o estado em que ficamos ao correr um perigo sem estarmos para ele preparados, enfatiza o fator da surpresa.” (FREUD, 2010a, p.169) Mesmo que o emprego destes conceitos, tanto em Freud quanto em Adorno e Horkheimer, não se dê de modo uniforme e constante, “pretendemos afirmar que são esses os termos do problema e é deles que acreditamos que se deva partir para reconstruir a unidade crítica da *Dialética do Esclarecimento*.” (NOBRE; MARIN, 2012, pp.115-116.)

da dominação da natureza, o eu faz o autosacrifício, isto é, a renúncia da satisfação imediata pela astúcia da satisfação adiada e segura, transformando a renúncia em subjetividade. A noção de autosacrifício aparece, então, em consonância com a negação da realização dos desejos sexuais praticada pelo eu, exigência das determinações exteriores. Com isso, chega-se facilmente à crítica à repressão regulada pelo princípio de realidade, que age para além das necessidades determinadas pelo ambiente externo. Ao imobilizar a realização da satisfação, o eu se vê fechado em “um ritual sacrificial duro, petrificado, que o homem se celebra para si mesmo opondo sua consciência (*Bewusstsein*) ao contexto da natureza.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.53). Por consequência, admitimos, juntamente com Adorno e Horkheimer, que a astúcia deu errado:

o domínio do homem sobre si mesmo, em que se funda (*begründet*) o seu ser, é sempre a destruição (*Vernichtung*) virtual do sujeito a serviço do qual ele ocorre; pois a substância dominada (*beherrscht*), oprimida (*unterdrückt*) e dissolvida (*aufgelöst*) pela autoconservação, nada mais é senão o ser vivo, cujas funções configuram, elas tão somente, as atividades de autoconservação, por conseguinte exatamente aquilo que na verdade devia ser conservado. (...) Essa antirrazão está desenvolvida de forma prototípica (*prototypisch*) no herói que se furta ao sacrifício sacrificando-se. A história da civilização é a história da introversão do sacrifício. Ou por outra, a história da renúncia (*Entsagung*). (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.54)

Dominando tanto a natureza externa quanto a natureza interna, sob a forma de fantasias e desejos, o esclarecimento do eu regido pelo princípio de prazer é tomado pela rigidez repetitiva, como uma automação da autoconservação: “o prazer (...) aprendeu a se odiar, ele permanece, na emancipação totalitária, vulgar e mutilado, em virtude de seu autodesprezo. Ele permanece preso à autoconservação, para a qual o educara a razão.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.38)

Esta concepção de prazer e desprazer que rege a economia psíquica só pode ser compreendida se complementada pela noção de pulsão (*Trieb*): de forma não muito clara, Freud define a pulsão situando-a entre os domínios psíquico e somático, como forças ou estímulos físicos que chegam à psique. Ela é delimitada, entre outros fatores, segundo seu objeto, quer dizer, “aquele com o qual ou pelo qual o instinto [*Trieb*] pode alcançar a sua meta” (FREUD, 2010c, p.58), qual seja, a satisfação, objeto este relacionado geralmente a outras pessoas. Tal objeto exterior aparece atrelado ao interesse pulsional, de forma que não pode ser desvinculado da saciação de necessidades, da fuga do desprazer e da geração de

prazer. Relacionando tais noções de Freud e de Adorno e Horkheimer, desde o mecanismo de projeção citado, lembramos como o tipo antropológico delimitado em *Dialética do Esclarecimento* constrói o objeto externo por movimentação pulsional, relacionando-se com ele como que pelo manejo de um bem próprio a ser dominado. Para tanto, apresentamos um exemplo dado por Freud quanto ao par de conversão amor-ódio:

quando o objeto se torna fonte de sensações prazerosas, produz-se uma tendência motora que busca aproximá-lo do eu, incorporá-lo ao eu; fala-se então da “atração” que o objeto dispensador de prazer exerce, e diz-se que se “ama” o objeto. Inversamente, quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, há uma tendência que se esforça por aumentar a distância entre ele e o eu, repetir a original tentativa de fuga face ao mundo externo emissor de estímulos. Sentimos a “repulsão” do objeto e o odiamos; esse ódio pode então se exacerbar em propensão a agredir o objeto, em intenção de aniquilá-lo. (FREUD, 2010c, p.76)

Com isso, fica evidente como a alteridade concebida como objeto não é somente utilizada como meio para a obtenção da satisfação, mas também como uma possibilidade de descarregar os impulsos agressivos do sujeito desejante. Sobre isso, David-Ménard nos alerta: “Para lutar contra a autodestruição, as pulsões inventam o objeto, o exterior, o outro, este último [que] foi colocado como o alvo de um movimento de agressão, ou a origem de uma ameaça.” (DAVID-MÉNARD, 2012, § 30). Entretanto, é importante lembrarmos que tal tentativa de domínio e uso dos elementos da exterioridade são causados pela tentativa de defesa e segurança contra possíveis experiências de sofrimento e desprazer.

Tais considerações sobre a movimentação pulsional trazem consequências para a noção de racionalidade em Freud. Afinal, Adorno e Horkheimer seguem o psicanalista ao afirmarem que a racionalidade humana age impulsionada por desejos, fantasias e pulsões. Pensando no conhecimento da realidade externa, sabemos que, para o sujeito do conhecimento freudiano, a objetividade seria inicialmente confundida com a objetividade entendida como “a relação constitutiva dos desejos humanos a outros desejos que são, nesse sentido, seus objetos.” (DAVID-MÉNARD, 1990, p.140). Isso quer dizer que no processo de desenvolvimento do ser humano há o desejo pelo outro, do qual se passa para o seu conhecimento e, deste, para o conhecimento do exterior como um todo, do meio ambiente externo, da natureza de forma geral. Por isso, “Freud acaba por passar da análise das relações objetivas (...) aos elementos de análise das características do conhecimento objetivo.” (DAVID-MÉNARD, 1990, pp.141-142). Desta forma, o interesse pelo

conhecimento do mundo externo está vinculado tanto à satisfação pulsional que necessita de um objeto exterior – a ser conhecido e delimitado – para ser alcançada, quanto a descoberta do meio ambiente pode ser entendida como meio de defesa contra o desprazer e o perigo externo, auxiliando na função de cálculo da obtenção do prazer seguro, sem dano e perigo. Assim, esta organização racional dotada de fins pulsionais não pode deixar de ser influenciada pelos desejos e, por isso, ser falseada por nós:

sabemos que o primeiro passo em direção ao domínio intelectual do mundo circundante em que vivemos é achar universalidades, regras, leis, que ponham ordem no caos. Através deste trabalho simplificamos o mundo dos fenômenos, mas não podemos evitar falseá-lo também, em particular quando se tratam de processos de desenvolvimento e transmutação. (FREUD, 2001a, p.231)

É precisamente porque a gênese da racionalidade e do trabalho intelectual tem seu desenvolvimento ligado à pulsionalidade em Freud que o exame de realidade é importante para distinguir o percebido do alucinado. Não queremos dizer, com isso, que a racionalidade humana seja inválida enquanto pensamento e reflexão, mas que é importante conceber que uma razão “desinteressada”, ou seja, livre de influências pulsionais ligadas à satisfação e ao prazer, não é possível na teoria de Freud. Assim, podemos delimitar algumas observações quanto à noção de racionalidade e conhecimento da exterioridade: dizemos que as fronteiras do indivíduo não são permanentes, já que o conteúdo interno se expande para a exterioridade de forma que, se tal projeção individual ocorrer sem um questionamento sobre sua produção, pode-se chegar a patologias psíquicas ligadas à alucinação, como a paranoia². Além disso, a realidade objetiva não está disponível em sua completude “pura” para o ser humano, isto é, sem projeção alguma do que seria próprio de seu interior³, de modo que, segundo a teoria freudiana, há somente níveis diferentes de projeção de conteúdo internos na exterioridade, mas não ausência total de projeção.

² “A patologia nos apresenta um grande número de estados em que a delimitação do eu ante o mundo externo se torna problemática, ou os limites são traçados incorretamente; casos em que partes do próprio corpo, e componentes da própria vida psíquica, percepções, pensamentos, afetos, nos surgem como alheios e não pertencentes ao eu; outros, em que se atribui ao mundo externo o que evidentemente surgiu no eu e deveria ser reconhecido por ele. Logo, também o sentimento do eu está sujeito a transtornos, e as fronteiras do eu não são permanentes” (FREUD, 2010d, p.17).

³ Para sustentar nossa teoria, podemos ler: “Pero a este mismo [estado de coisas objetivo] no esperamos poder alcanzarlo, pues vemos que a todo lo nuevo por nosotros deducido estamos precisados a traducirlo, a su

4. ALIENAÇÃO E ESTRANHO: RELAÇÃO ENTRE MARX E FREUD

É considerando esta vinculação teórica entre as ideias de Freud e o que já abordamos sobre a *Dialética do Esclarecimento* que propomos uma relação entre o uso que Adorno e Horkheimer fazem do conceito de alienação (*Entfremdung*) e estranho (*Fremd*) de Marx e de estranho-familiar (*Unheimliche*) de Freud. Se inicialmente os filósofos de Frankfurt tratam da dominação dos objetos exteriores por parte do sujeito esclarecido, é sob a influência de Marx que é possível mostrar a inversão do processo de subjugação, no qual são as coisas que, finalmente, acabam dominando as pessoas. Retomemos como a racionalidade técnica do sujeito esclarecido objetifica a alteridade, de forma que todo elemento da exterioridade acaba se tornando um objeto alheio ao sujeito:

o preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação (*Entfremdung*) daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.21)

Esta ideia se faz presente em Marx na relação descrita entre o objeto produzido e o produtor como trabalhador no texto sobre *O trabalho alienado*⁴. Contudo, neste processo de produção do objeto alienado, não só o objeto se torna estranho ao seu produtor, como o próprio trabalhador aliena o seu trabalho, que pertence, agora, ao objeto:

a exteriorização (*Entäußerung*) do trabalhador tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência *externa* (*äussern*), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe *fora dele* (*außer ihm*), independente dele e estranha (*fremd*) a ele, tornando-se uma potência (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (*fremd*). (MARX, 2008, p.81)

turno, al lenguaje de nuestras percepciones, del que nunca podemos liberarnos. (...) Lo real-objetivo permanecerá siempre 'no discernible'" (FREUD, 2001b, p.198).

⁴ Deste texto, Adorno e Horkheimer só consideraram a alienação em relação ao produto do trabalho, ao processo de produção, em relação ao próprio corpo natural do trabalhador e relativamente a outros homens. Mas, contrariamente ao texto de Marx, estes outros homens não são especificamente os proprietários. Além disso, os autores também não levaram em conta a alienação em relação à espécie, também descrita n' *O trabalho alienado*.

Neste âmbito, segundo Marx, o objeto resultante do trabalho humano é que possibilita a existência do trabalhador⁵, uma vez que se trata de uma alienação não somente do resultado do trabalho, mas do próprio processo de produção:

como poderia o trabalhador ficar numa relação alienada com o produto de sua atividade se não se alienasse (*entfremdete*) a si mesmo no próprio ato da produção? O produto é, de fato, apenas a síntese da atividade, da produção. (...) A alienação (*Entfremdung*) do objeto do trabalho simplesmente resume a alienação (*Entfremdung*) da própria atividade do trabalho. O que constitui a alienação (*Entäußerung*) do trabalho? Primeiramente, ser o trabalho externo (*äußerlich*) ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido. (MARX, 2007, pp.4-5)

Por isso, a alienação se dá em relação à atividade vital do ser humano, isto é, atinge também a natureza humana enquanto corpo físico. Por fim, ressaltamos como o ser humano também se aliena de outros homens, pois “a alienação (*Entfremdung*) humana, e acima de tudo a relação do homem consigo próprio, é pela primeira vez concretizada e manifestada na relação entre cada homem e os demais homens.” (MARX, 2007, p.8)

Seguindo tais noções provenientes de Marx, Adorno e Horkheimer tratam da razão autoalienada (*sich entfremdeten Vernunft*) que perdeu sua função reflexiva através da dominação técnica, transformando o pensamento em um processo automático, coisificado, instrumentalizado: “os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu (*Selbst*): meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força (*zwangshaft*).” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.41). Com isso, se Marx parte da economia política para tratar da alienação, em *Dialética do Esclarecimento*, com o processo de alienação, a razão torna-se como que parte da aparelhagem econômica, o que culmina no fim da subjetividade como reflexão propriamente humana. Assim, entendemos como

o ser é intuído sob o aspecto da manipulação e da administração. Tudo, inclusive o ser humano (...), converte-se em um processo reiterável e substituível

⁵ Não entraremos no debate em torno da aproximação ou diferenciação do conceito de alienação do jovem Marx e da noção de fetichismo presente no primeiro volume d’*O Capital*. No entanto, como veremos a seguir, os autores de *Dialética do Esclarecimento* não viam problemas na semelhança entre ambos os conceitos, no sentido de que tanto a alienação quanto o fetichismo fazem referência à “objetivação” ou “externalização” do sujeito em um objeto que se autonomiza frente a seu produtor, ao passo que a relação entre os homens é objetificada.

(*wiederholbaren, ersetzbaren*), mero exemplo para os modelos conceituais de sistema (*begrifflichen Modelle des Systems*). (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.72)

Visto isso, nossa atenção se volta novamente a Freud, já que é da utilização das noções de Marx sobre o estranho (*fremd*) e a alienação (*Entfremdung*) que precisaremos para tratarmos do estranho-familiar ou inquietante (*Unheimliche*), uma vez que este conceito trata do processo de estranhamento de algo que anteriormente era próprio, parte de si mesmo.

Assim, relacionaremos o domínio social-econômico descrito por Marx com o campo social-cognitivo, este descrito por Freud. Para tanto, retomemos o momento específico em que Adorno e Horkheimer fazem referência ao *Unheimliche* freudiano:

no modo de produção burguês, a indelével herança mimética de toda práxis é abandonada ao esquecimento. Os homens obcecados pela civilização só se apercebem de seus próprios traços miméticos, que se tornaram tabus, em certos gestos e comportamentos que encontram nos outros e que se destacam em seu mundo racionalizado como resíduos isolados e traços rudimentares verdadeiramente vergonhosos. O que se repele por sua estranheza (*Fremdes*) é, na verdade, demasiado familiar (*vertraut*) [Nota: CF. Freud, *Das Unheimliche*]. São os gestos contagiosos dos contatos diretos reprimidos (*unterdrückten*) pela civilização: tocar, aconchegar-se, aplacar, induzir. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.150)

Esta referência a Freud feita pelos autores leva-nos a pensar como se dá a atuação social do tipo de racionalidade objetivadora, a saber, segundo o modo de preconceito e prejulgamento estranho-familiar. Tal termo foi cunhado por Freud para designar a cognição da alteridade-objeto como o resultado de um conteúdo reprimido internamente que foi projetado para o exterior: “o elemento angustiante é algo reprimido que retorna. (...) Esse *unheimlich* não é realmente algo novo ou alheio, mas algo há muito familiar à psique, que apenas mediante o processo da repressão alheou-se dela.” (FREUD, 2010b, p.360). Por isso, este sentimento (*Gefühl des Unheimlichen*), impressão (*Eindruck*), efeito (*unheimlicher Wirkungen*), experiência (*unheimliches Erlebnis*) de estranho-familiar faz referência a algo cujo efeito “é fácil e frequentemente atingido quando a fronteira entre fantasia e realidade é apagada.” (FREUD, 2010b, p.364). Deste modo, a alteridade se apresenta como uma consequência de especificidades próprias dos elementos exteriores, além de fantasias, desejos, medos, angústias e expectativas que são projetados na figura

deste outro pelo sujeito desejante. Assim, podemos ver a construção de uma noção de alteridade como um objeto externo por projeção de movimentações pulsionais na tentativa de controle sobre a exterioridade como possibilidade de perigo: “Sem dúvida, [o inquietante] relaciona-se ao que é terrível (*Schreckhaften*), ao que desperta angústia e horror (*Angst und Grauerregenden*).” (FREUD, 2010b, p.329)

Esta coisa terrível a ser afastada do eu é algo que já foi próprio do sujeito, mas que passou por um processo de repressão, ocultando-se dele. No entanto, em um dado momento da história subjetiva, este conteúdo retornou do inconsciente e, não podendo ser aceito como próprio do sujeito, foi projetado para a alteridade. Este algo, que deveria permanecer alheio e estranho através deste processo defensivo, mas que acabou aparecendo, é o estranho-familiar. Para os autores de *Dialética do Esclarecimento*, no entanto, este algo a ser negado em si e projetado no outro pode ser tanto uma parte recalcada da história subjetiva, desejos e fantasias inconscientes, como em Freud, além de fragmentos de épocas já vividas e superadas, como elementos que lembram a proximidade do ser humano com a natureza, proximidade própria da época mítica. Como diria Freud, “o inquietante das vivências produz-se quando complexos infantis *reprimidos* são novamente avivados, ou quando crenças primitivas *superadas* parecem novamente confirmadas” (FREUD, 2010b, p.371).

É significativo que Adorno e Horkheimer tenham utilizado o *Unheimliche* e as demais características do tipo antropológico freudiano para pensarem não precisamente a condição daquele que sofre preconceito, mas, ao contrário, concentraram seus esforços em explicar os sentimentos, reações e defesas da racionalidade autoritária que exclui a alteridade. Para tanto, ressaltamos que ao longo dos primeiros capítulos da obra e mais precisamente em *Elementos de Antissemitismo*, os autores se viram preocupados em delimitar os sentimentos de angústia, medo, terror e horror que levam a racionalidade esclarecida à hostilidade contra o diverso. Especificamente na parte V do capítulo citado, eles elaboraram a “proto-história biológica” do ser humano como gênese do sofrimento do preconceituoso⁶ que, em um primeiro momento, configura-se a partir da fuga do que se

⁶ Relativamente ao sofrimento do preconceituoso, também cabe a lembrança do já citado sacrifício de Ulisses: em alemão, *Opfer* significa tanto “vítima” quanto “sacrifício”, sacrifício sendo aquele de não cumprir os ditames do princípio de prazer, mas adiar a satisfação de forma controlada.

apresenta como perigoso ao corpo, como ameaças as quais o corpo não pode suportar (*leiden*):

não sofrer, não suportar o outro, significaria assim, mais profundamente, não suportar a lembrança desse *leiden* primeiro, dessa passividade e dessa indiscriminação originárias que nosso corpo estruturado e individualizado (*Körper*, não *Leib*) ainda vagamente recorda quando é surpreendido, invadido, por reações involuntárias, expressões miméticas dessa corporeidade indiferenciada e viva (*Leibhaftigkeit*) que também nos constitui, mas que não controlamos, que nos é simultaneamente íntima e estranha, *unheimlich*. Todos esses conceitos — *mimesis*, *unheimlich*, *Leib* e *leiden* — se juntam neste parágrafo V para descrever a raiz do comportamento fascista e antissemita, do comportamento de exclusão e de aniquilação do outro a partir dessa componente antropológica originária de nossa corporeidade. (GAGNEBIN, 2006, pp.87-8)

5. PATOLOGIA SOCIAL

O preconceito antissemita mostra ser o reverso da mimese como interação do sujeito com o seu meio exterior natural, uma espécie patológica de relação com a realidade na qual não somente ocorre a projeção de características renegadas de si na alteridade, mas ainda a ausência de qualquer reflexão ou autocrítica ao longo da realização deste processo psíquico:

o patológico no antissemitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência da reflexão que o caracteriza. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.156)

Na sequência desta gênese, o sofrimento inicial ligado ao corpo se reverte, por projeção, na troca de posições entre o potencialmente perigoso e a potencial vítima: inicialmente sentida como ameaça, a alteridade é levada, então, à condição de objeto manipulável, passível de ser exterminado. Tendo como mote que *a melhor defesa é o ataque*, da possibilidade de sofrimento corpóreo inicial a ser infligido pela alteridade perigosa, passa-se à defesa que se configura como posição dominadora e, então, ao sofrimento da vítima do preconceito, esta presença intrusiva e não-reconhecida, o outro

estranho-familiar. Nestes termos, o preconceituoso não reconhece a ficção, produzida por si mesmo, de uma alteridade ameaçadora, tentativa de obter uma explicação externa a seu próprio sofrimento, invenção que consegue dar um nome à causa do que o perturba e que o faz sofrer, seja este o judeu, o negro, o gay. Desta forma, se o autoritário se encontra impossibilitado de reconhecer a sua própria história, seus desejos e medos graças à atuação de seu sistema de defesa psíquico, ao menos ele forja um outro *unheimlich*, esta alteridade estranha, próxima e, ao mesmo tempo, ameaçadora. Se no contexto mítico anterior ao esclarecimento era possível tornar o estranho familiar, na projeção sem reflexão do preconceituoso, o familiar torna-se estranho mediante um povoamento na realidade de anseios, desejos, fantasias e materiais recalcados, como uma percepção narcísica que contém materiais inconscientes. Por isso, no antissemitismo, o processo de alienação da alteridade como objeto e de alienação de si, da própria capacidade reflexiva, está completo.

Nesta imitação da rigidez da natureza que foi projetada como fixa pela razão defensiva, a autoconservação leva à destruição dos objetos externos, além da autodestruição subjetiva. Tal visão pessimista de um sofrimento inescapável ligado ao mundo administrado como variante autoritária do capitalismo mostra como

o problema crucial (...) é, portanto, a falta de um conceito de intersubjetividade - relações de sujeito a sujeito ou interação social. A consciência parece ser uma propriedade da mônada individual. O mundo não é concebido como um reino intersubjetivo em que os objetos encontrados são eles mesmos sujeitos que têm a capacidade de agir e ser afetado por ações de outro. Em seu uso da categoria abstrata "mundo exterior", em sua análise da própria razão em termos de eu e fora, sujeito e objeto, eles são incapazes de superar o dualismo sujeito-objeto a partir do qual, em sua opinião, a dominação floresce [*springs*]. (BENJAMIN, 1977, p.49, tradução nossa)

Em tal ritual da fixação das interações humanas, o destino (pulsional, correlato ao destino subjetivo) toma a forma de uma fatalidade ligada à morte, dada a recusa da intrusão do alheio na bolha narcísica.

Logo, entendemos como a autoalienação descrita por Marx torna-se um produto da autoconservação delimitada por Freud, de forma que, em *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer transformam conceitos próprios da economia política em uma antropologia psicanalítica. Considerando que “o trabalho social de todo indivíduo está mediatizado pelo princípio do eu na economia burguesa” (ADORNO; HORKHEIMER,

1985, p.36), vemos um tipo de materialismo psicanalítico no qual o centro de articulação de pesquisa dos autores de Frankfurt deixa de ser a teoria de Marx, mas aquela passa a ser operacionalizada através da teoria freudiana. Ocorre, então, a

perda da centralidade da Economia Política no arranjo interdisciplinar da Teoria Crítica, o que exigiu uma renovação do próprio conceito de crítica. Sob esse aspecto, a principal consequência foi a emergência de uma antropologia peculiar – entendida como transformação de elementos psicanalíticos em termos de teoria social –, colocada na base de uma nova concepção de interdisciplinaridade. (NOBRE; MARIN, 2012, p.101).

Nesta leitura interessada de Freud, Adorno e Horkheimer transformam em dialética (entre sujeito social e de conhecimento, de um lado, e objeto, alteridade e natureza, de outro) a contradição encontrada no eu (*Ich*) freudiano, formado entre o isso (*Es*) e a realidade externa, tomando como base a defesa produzida pela racionalidade dominadora. Com ênfase em uma racionalidade baseada na movimentação pulsional que foge do desprazer,

esta contradição, Adorno pensa, reflete a situação real do eu. Desenvolve-se uma certa quantidade de racionalidade por causa [*sake*] da autopreservação, mas não de forma suficiente para desafiar o sistema. O eu representa psicologicamente o conflito entre as duas formas ou racionalidades - instrumental e emancipatória - em sua dupla posição como consciente e inconsciente. (BENJAMIN, 1977, p.53, tradução nossa)

Contudo, é justamente quando “o pensamento (...) entra em conflito com a prática real, não apenas a ocorrência esperada deixa de ter lugar, mas também o inesperado (*unwartete*) acontece” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.72), de modo que a face estranha à projeção narcísica aparece enquanto *Unheimliche*, possibilidade de nova interação com o objeto, natureza, alteridade. Assim, em todo *Unheimliche* há o *Fremd*, algo próprio que se tornou alheio, alienado (*Entfremdung*), mas que pode retornar como fração de uma realidade não administrada, nem dominada, uma opção contra a fatalidade do destino de morte descrita em *Dialética do Esclarecimento*.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialektik der Aufklärung** – Philosophische Fragmente. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1947.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, Jessica. **The end of internalization**: Adorno's social psychology. *Telos*, no 32, p.42-64, 1977.

BUCK-MORSS, Susan. **Origin of negative dialectics**. New York: The Free Press, 1977.

COSTA, Virginia Helena Ferreira da. Aspectos das relações interpessoais em Freud: questionamentos morais. 150 f. **Dissertação** (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

DAVID-MÉNARD, Monique. **La folie dans la raison pure** – Kant lecteur de Swedenborg. Paris: Librairie J. Vrin, 1990.

DAVID-MÉNARD, Monique. Les pulsions caractérisées par leurs destins: Freud s'éloigne-t-il du concept philosophique de Trieb? **Revue germanique internationale**. 2011. Disponível em: <http://rgi.revues.org/924> (Acessado em 28/09/2012)

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer In FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil** (O homem dos lobos); Além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. Análisis terminable e interminable. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Volumen 23. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001a.

FREUD, Sigmund. **Das Unheimliche**. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/34222/34222-8.txt> (Acessado em 15/05/2015)

FREUD, Sigmund. Esquema del psicoanálisis In FREUD, Sigmund. **Obras completas** volumen 23. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001b.

FREUD, Sigmund. O inquietante In FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil** (O homem dos lobos); Além do princípio do prazer e outros textos (1917–1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FREUD, Sigmund.. Os instintos e seus destinos. In FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na civilização**, Novas conferências introdutórias e outros textos (1923-1925). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução Alexandre Moreira Oliveira. [online] 2007. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/cap01.htm> (Acessado em 10/04/2015).

MARX, Karl. **O Capital**: Livro I – Tomo 1. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. **Ökonomisch-philosophische Manuskripte**. Internationale Sozialisten – Reihe marxistischer Klassiker. [online] 1844. Disponível em: <http://www.internationalesozialisten.de/Buecher/Klassiker/Oekonomisch%20philosophische%20Manuskripte.pdf> (Acessado em 10/04/2015).

NOBRE, Marcos; MARIN, Inara Luisa. **Uma nova antropologia** – Unidade crítica e arranjo interdisciplinar na Dialética do Esclarecimento. Cadernos de Filosofia Alemã, São Paulo, n. 20, p.101-122, jul.-dez. 2012.